

O braille e a sua importância na educação dos cegos

História da escrita braille

Por volta de 1815 a França andava envolvida em múltiplas guerras. As constantes mensagens que circulavam não podiam ser lidas de noite já que, para tal, era necessária luz, o que despertaria o inimigo.

Assim, o oficial de artilharia Charles Barbier, inventou um processo de escrita em relevo, por pontos, que pudesse ser lida com os dedos, sem necessidade de luz. Chamou-se a esse sistema escrita nocturna.

Louis Braille, que cegara aos três anos por acidente, em 1812, encontrava-se a estudar na Instituição Nacional dos Jovens Cegos de Paris quando teve conhecimento da escrita nocturna. Entrou logo em contacto com Charles Barbier, estudou o seu sistema, aperfeiçoou-o e reduziu-o para seis pontos. Este novo método tornou-se universal sob o seu nome: Método da Escrita Braille, que se resume na célula Braille.

Na leitura Braille são usados caracteres em relevo, em combinações diferentes de seis pontos, organizados em unidades de dois pontos na largura e três na altura. Os símbolos são trabalhados em relevo, em papel manilha grosso, da esquerda para a direita, e geralmente o leitor "lê" com uma das mãos e, com a outra, mantém a posição vertical.

As anotações de música, pontuação, matemática e ciências baseiam-se no mesmo sistema. A escrita Braille é um outro acréscimo ao currículo das crianças cegas. Há vários instrumentos para escrever os símbolos, sendo o mais fácil e mais rápido a máquina de escrever braille ou máquina de escrita braille. Ela tem seis teclas, que correspondem a cada um dos seis pontos da unidade. Um bom dactilógrafo braille pode bater de quarenta a sessenta palavras por minuto. O Braille também pode ser escrito à mão, utilizando-se uma plaqueta (pauta) e um estilete (punção) que permitem que a criança faça as perfurações numa unidade braille padrão.

Dactilografia e escrita a mão

A dactilografia, raramente incluída no currículo elementar das crianças com visão, é muito importante para as crianças cegas, caso se espere que comuniquem com o mundo dos que têm visão, pois um número muito pequeno de pessoas com visão consegue ler Braille. As crianças cegas devem aprender a usar a máquina de escrever comum tão

cedo quanto possível. A escrita à mão é muitas vezes difícil, no entanto, deve-se incentivar a criança a assinar o seu nome.

A incapacidade de escrever o seu próprio nome é muitas vezes uma fonte de embaraço, e é por esse motivo que se enfatiza a aprendizagem da assinatura. A máquina de escrever tem tudo, mas não substitui recursos como guias de metal, necessários para ajudar a ensinar a escrita à mão.

O professor de braille e a criança cega

O ensino do Braille requer que o contacto entre professor e aluno seja individualizado e próximo. Num contacto deste tipo o professor de Braille pode ser uma fonte de aconselhamento e suporte para o aluno, na medida em que o escuta quando, expressa sentimentos, lhe esclarece dúvidas e lhe regula expectativas relacionadas com a situação presente e futura.

Esta acção é importante porque diminui tensões emocionais, motiva o aluno para agir e contribui para que o mesmo não fixe para si, objectivos irrealizáveis, cuja não concretização lhe causaria frustrações, sempre limitativas de uma vivência satisfatória.

Da aprendizagem do sistema Braille até uma leitura destra, gratificante, há um longo caminho a percorrer. Pressupõem-se as bases de um bom ensino e muitas horas de prática para desenvolver até esse nível o sentido do tacto. Hoje em dia é preciso ter mais força de vontade e um gosto inato pela leitura táctil para nos disponibilizarmos assim para ela, resistindo ao apelo dos cada vez mais livros gravados, dos programas de rádio e televisão que agora nos entram em casa em catadupa, das novas tecnologias, dos trabalhos manuais menos exigentes em termos de concentração. Além disso, a leitura é uma actividade possessiva que nos subtrai ao ambiente circundante, que nos solicita por inteiro. Não nos entregamos a ela de bom agrado sem esperar contrapartidas que valham o que deixámos.

Conclusão

Do que fica exposto ao longo deste trabalho concluiu-se que aprender o Braille é importante no processo ensino/aprendizagem do aluno com deficiência visual, dado que favorece e dinamiza o desenvolvimento e concretização deste processo e funciona como garante de actualização das competências adquiridas durante o tempo posterior.

Já Cícero dizia "uma casa sem livros é um corpo sem alma". Daí a necessidade da leitura para o homem, quer ele seja deficiente visual ou não. Que não falte aos cegos a

persistência para "devorarem" a totalidade da informação que já existe disponível em Portugal e que não lhes falte também a imaginação para ultrapassarem todos os condicionalismos à sua avidez de cultura. Em síntese, saber Braille, ser capaz de ler fluentemente para mais facilmente sentir prazer na leitura, complementar a informação disponível em Braille com o já vasto espólio existente em formato áudio e em suporte informático, atentar nas programações da radiodifusão e da radiotelevisão em toda a sua amplitude, possuir tecnologia adequada e necessária preparação para "surfear" e usufruir da recente rede de computadores constitui a base fundamental do acesso à cultura da pessoa deficiente visual.

Bibliografia

Poliedro: - Revista de Tiflogia e Cultura, Porto: Instituto S. Manuel - Edições Braille, 1995, Outubro.

Poliedro: - Revista de Tiflogia e Cultura, Porto: Instituto S. Manuel - Edições Braille, 1996, Novembro.

Poliedro: - Revista de Tiflogia e Cultura, Porto: Instituto S. Manuel - Edições Braille, 1997, Janeiro.

Kirk / Gallagher, Educação da Criança Excepcional, Martins Fontes

Luís Braille: - Revista Oficial da ACAPO Ano VI nº 20 - Janeiro - Abril - 1996